

Um estudo sobre complexidade literária: experiências de leitura

Sonia Zyngier (UFRJ) – sonia.zyngier@gmail.com

Danielle de Almeida Menezes (PUC-Rio/ FEUC/ FAMA) – dani_menezes@oi.com.br

Milena Mendes (PUC-Rio) – milla@centroin.com.br

I. Introdução

O presente estudo se desenvolve a partir de uma investigação iniciada por Zyngier e Mendes (2005) sobre a relação entre teoria literária e leitores, realizada com as respostas de 82 profissionais da área de Letras sobre o que faz o leitor considerar um texto belo. Os resultados daquele estudo sugeriam que padrões lingüísticos não são relevantes para a apreciação de textos literários. Os respondentes indicaram que a beleza depende de uma resposta emocional, da capacidade de fazer refletir e de uma vontade de reler o texto. Estes achados vão de encontro aos postulados dos Formalistas Russos (cf. Shklovsky, 1965), de representantes do Círculo Lingüístico de Praga (Mukarovský, 1977) e de trabalhos sobre a psicologia da estética, como o de Berlyne (1971).

II. Fundamentos teóricos

O Formalismo Russo nunca foi uma escola com uma doutrina uniforme. Margolin (2003) define estes pensadores como um grupo de lingüistas e estudiosos de literatura que desenvolveu modelos e normas metodológicas, principalmente durante a década de 1920, relacionados aos diferentes aspectos do sistema literário. Para ele, o movimento deve ser considerado mais como um processo de reflexão do que uma teoria bem delineada.

Uma das principais contribuições do Formalismo Russo data do trabalho seminal de Shklovky (1965). Para ele, a literariedade de uma obra, seu aspecto inerente, deve ser o objeto do estudo científico do texto literário. O valor estético ou propósito da arte deveria consistir no despertar nos leitores de uma consciência, fazendo-os ver o mundo e seus fenômenos de maneira diferente, ou seja, desconstruindo o familiar e substituindo-o pela novidade, surpresa, estranhamento e desfamiliarização. Transformar o familiar em estranho pode resultar em acentuada dificuldade de compreensão da obra de arte, mas, de acordo com os Formalistas Russos, esta dificuldade também responde pela literariedade do texto e pela percepção do leitor de sua beleza.

Em outras palavras, de acordo com Shklovsky (1965), o objeto de arte visa à desfamiliarização, provocando um efeito de estranhamento e fazendo com que o observador prolongue seu olhar sobre o objeto e perceba sua arte. Já Mukarovsky (1977), mais tarde, acrescenta a noção de *foregrounding*, com base na noção de figura/fundo das artes plásticas. Em outras palavras, deve-se estudar os elementos que saltam aos olhos e chamam a atenção do leitor nos textos literários. São estes elementos que provocam o efeito no leitor. A noção de que a linguagem literária se distingue por desviar do uso cotidiano é criticada por estilólogos como Carter (2004), que vêem a criatividade e *foregrounding* também na linguagem do dia-a-dia. No entanto, deve-se a estes primeiros teóricos o conceito de *foregrounding*, que resulta de um processo de desfamiliarização.

Outra importante contribuição para este estudo é o trabalho de Berlyne (1971) e a relação que traça entre apreciação estética e complexidade. O autor mostra, através de uma curva, como a complexidade de um texto e a inovação que traz contribuem para a apreciação dos leitores.

Com base nestes conceitos, o presente trabalho focaliza a relação entre teoria e leitores reais a fim de verificar se o conceito teórico acerca do que se considera belo em um texto literário reflete o que de fato acontece na vida real. Como o estudo anterior, contrariando as pressuposições teóricas, sugeriu que linguagem, novidade e complexidade não são percebidas como aspectos importantes pelos participantes, pareceu interessante conduzir um experimento de leitura para corroborar ou refutar os resultados anteriores. Assim, o interesse aqui é observar até que ponto os comentários dos participantes acerca de como eles avaliavam a beleza de um texto reflete suas experiências de leitura.

III. Metodologia

A fim de testar a nossa hipótese de que as reações de leitores reais à leitura podem não corresponder à teoria, decidimos elaborar um questionário no qual se pedia aos participantes que lessem um texto e, em seguida, o avaliassem. Como Zyngier e Mendes (2005) observaram em seu estudo que a beleza de um texto reside na resposta emocional, na reflexão e no desejo de se reler um texto, conseqüentemente, em nosso questionário, os participantes responderam às seguintes perguntas:

a) Indique, em uma escala de 1 a 5 (1= nada emocionante, 5= muito emocionante) o quanto você acha que o texto emociona:

<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------

b) Você gostou de alguma coisa no texto?

- Sim . Do quê?
- Não.

c) O texto o/a fez pensar em outras coisas?

- Sim . Em quê?
- Não.

d) Você gostaria de lê-lo novamente?

Sim

Não

As respostas a estas perguntas nos permitiram fazer a comparação entre um experimento real de leitura e as constatações teóricas do estudo anterior. Além disso, como era parte do objetivo principal verificar a reação dos leitores a textos canônicos de não-canônicos, os participantes foram divididos em dois grupos, cada um lendo um texto diferente (canônico ou não-canônico). Ambos os textos versavam sobre a mesma temática, ou seja, a descrição de uma atração sexual, e ambos tinham o mesmo tamanho. A diferença entre os textos residia na quantidade de *foregrounding*. O texto canônico, com alto grau de *foregrounding*, era uma passagem de *Angústia*, escrito por Graciliano Ramos. O outro texto foi retirado de uma obra de ficção popular, disponível na internet, contendo muito pouco *foregrounding*. Partimos do pressuposto que ao comparar os dois grupos, seria possível perceber diferenças entre as reações dos participantes.

Para este estudo, 205 participantes (117 alunos de Letras do curso Português-Inglês e 88 de outras áreas) responderam ao questionário e foram divididos em dois grupos, de acordo com o texto lido. Posteriormente, as respostas foram também agrupadas por área de estudo.

IV. Resultados

Os resultados encontrados para cada questão foram dispostos em gráficos e tabelas, como ilustrado abaixo:

4.1. A emoção provocada pelo texto.

Como em Zyngier e Mendes (2006) os participantes haviam dito que beleza deveria ser atribuída apenas à resposta emocional, perguntamos aos participantes do presente estudo o quão tocante o texto lido por eles era. As respostas estão dispostas abaixo.

Gráfico 1: Texto canônico

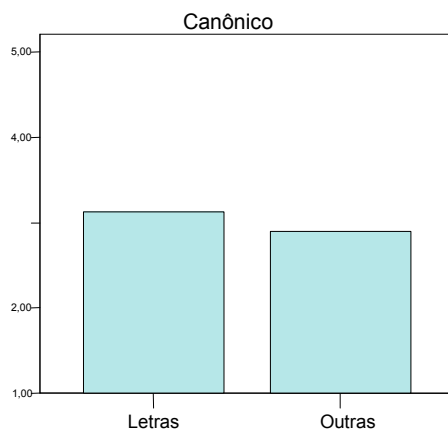
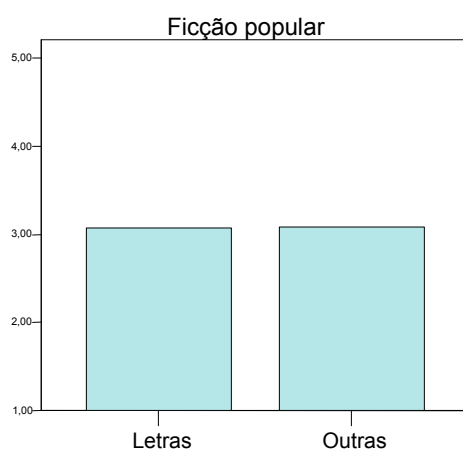


Gráfico 2: Texto não-canônico



Estes gráficos indicam que as respostas foram semelhantes em todos os casos, independentemente da área de estudo ou do texto lido. Nenhum dos textos foi considerado tocante.

4.2. *Apreciação ao texto lido.*

A segunda pergunta buscava saber se os participantes haviam gostado de alguma coisa no texto e do quê exatamente. Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo.

Tabela 1: Apreciação do texto

	Canônico		Não-canônico	
	Sim (%)	Não (%)	Sim (%)	Não (%)
G1	87.2	12.8	89.6	10.4
G2	69.8	30.2	59.7	40.3

* G1= Letras (Português-Inglês) G2= Outras áreas

Esta tabela mostra que os alunos de Letras tenderam a gostar mais de ambos os textos, diferentemente dos alunos de outras áreas. É interessante observar também que alunos de outras áreas foram os que gostaram menos do texto não-canônico.

A fim de explicar o que os alunos gostaram nos textos, as respostas foram divididas por categorias, conforme descrito abaixo.

a) *Participantes que apreciaram as descrições*

– Exemplo: “(Gostei) da descrição da garota” (Q29¹)

b) *Trechos copiados*

c) *Interpretações de trechos*

– Exemplo: “Gostei do amor que ele sentia por ela” (Q197)

d) *Digressões*

¹ Número do questionário

- Exemplo: “Podemos mudar nossa opinião sobre as pessoas” (Q185)

Em relação à maneira como os participantes justificaram o que gostaram nos textos, pôde-se observar que não foi mencionada a construção do texto. A Tabela 2 abaixo apresenta a disposição das categorias supramencionadas.

Tabela 2: Justificativa

	Canônico		Não-canônico	
	G1	G2	G1	G2
Descrição	46.9	20.7	53.2	21.5
Cópia	20.9	10.4	7.8	6.5
Interpretação	28.2	61.7	35	72
Digressões	4	7.2	4	0

*G1= Letras G2= Outras áreas

Esta tabela mostra que a maioria dos participantes de Letras investigados justificou suas respostas dizendo gostar das descrições, enquanto os de outras áreas buscaram interpretar os trechos lidos. Percebe-se também que há pouca diferença entre os resultados para o texto canônico e o não-canônico.

4.3. Pensamentos durante a leitura.

A terceira pergunta do questionário buscava saber se os participantes pensaram em alguma coisa enquanto liam e, em caso afirmativo, em que haviam pensado.

Tabela 3: Pensamento e leitura

	Canônico		Não-canônico	
	Sim (%)	Não (%)	Sim (%)	Não (%)
G1	72.6	27.4	58.5	41.5
G2	60.7	39.3	40	60

Os resultados mostram que os participantes de Letras tenderam a pensar em algo quando liam ambos os textos, enquanto a maioria dos de outras áreas afirmaram não ter pensado em nada enquanto liam o texto não-canônico.

A fim de explicar o que os participantes pensaram durante a leitura, as respostas foram categorizadas.

a) *Experiências pessoais*

- Exemplo: "No dia em que encontrei minha namorada" (Q179)

b) *Julgamentos*

- Exemplo: "Ninguém é perfeito e podemos lidar com as diferenças" (Q195)

c) *Respostas emotivas*

- Exemplo: "Sim, sentimentos" (Q192); "Amor, prazer" (Q56)

d) *Interpretações*

- Exemplo: "O texto faz um contraste entre o homem e a máquina" (Q199)

e) *Intertextualidade*

- Exemplo: "Poesia" (Q41)

Tabela 4: Categorias encontradas

	Canônico		Não-Can.	
	G1	G2	G1	G2
Experiência pessoal	23.7	38.7	20	55.6
Julgamento	38	50.3	37.6	22.2
Emoção	31	11	28.3	22.2
Interpretação	0	0	8.5	0
Intertextualidade	0	0	5.6	0
Outros	7.3	0	0	0

Em relação ao texto canônico, a maioria dos participantes fez julgamentos. No entanto, em relação ao texto de ficção popular, os de outras áreas tenderam a mencionar suas experiências pessoais.

4.4. *Vontade de reler.*

Quando perguntados se gostariam de reler o texto, os resultados encontrados foram os seguintes:

Tabela 5: Releitura

	Canonical		Pop. Fiction	
	Yes (%)	No (%)	Yes (%)	No (%)
G1	80	20	57	43
G2	57	43	56	44

Com relação ao texto canônico, 80% dos participantes de Letras disse que gostaria de relê-lo, enquanto 57% dentre os que leram o texto de ficção popular deram uma resposta afirmativa. Em se tratando dos participantes de outras áreas, é possível observar que as respostas dadas foram parecidas para ambos os textos, sendo que muitas respostas indicaram que nenhum texto seria relido.

V. Conclusão

Os resultados obtidos mostram que 85% dos participantes de Letras gostou de ambos os textos. No entanto, o trecho considerado literária fez com que eles refletissem mais. Em relação aos participantes de outras áreas, 30% não apreciaram nenhum dos textos.

Portanto, podemos afirmar que os participantes de Letras tenderam a mostrar mais apreciação pelo texto canônico que os de outras áreas, o que talvez seja uma influência de seu campo de estudo. Em segundo lugar, embora os sujeitos de Letras tenham gostado mais do texto literário, não parecem relacionar sua preferência à escolha lingüística. Assim, para a maioria dos participantes, a beleza reside em imagens mentais, mas eles não têm consciência de que tais imagens podem ter sido provocadas pela escolha lingüística.

Desta forma, questões relativas aos leitores reais e à teoria ainda permanecem. Em primeiro lugar, até que ponto é possível afirmar que as postulações teóricas sobre literatura refletem o que realmente acontece durante a leitura? Segundo, até que ponto a percepção dos mecanismos lingüísticos contribui para a resposta emocional? Finalmente, como podemos entender a interação entre processo de leitura e resposta emocional? Será que a resposta está nos pressupostos da Poética Cognitiva, segundo a qual “cognição está relacionada com os processos mentais envolvidos na leitura e a poética se preocupa com o fazer literário”² (Stockwell, 2002: 2).

² No original, “cognition is to do with mental process involved in reading and poetics concerns the craft of literature”.

Aqui coube fazer-se tão somente um estudo exploratório. Dentre os próximos passos está a questão de se aumentar a amostra. Talvez os resultados não permaneçam os mesmos se houver maior número de respostas. Também seria muito interessante a realização de grupos focais com os participantes a fim de verificar se mencionam os mecanismos de linguagem do texto quando falam sobre ele. Outra possibilidade é verificar se participantes de outras culturas são mais sensíveis a aspectos lingüísticos que os brasileiros envolvidos neste estudo preliminar.

VI. Bibliografia

Berlyne, D. E. (1971). *Aesthetics and psychobiology*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Carter, R. A. (2004) *Language and Creativity*, London: Routledge.

Margolin, U. "Russian Formalism" and "Moscow-Tartu School," *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory and Criticism* 2nd edition 2003 (in print).

Miall, D. S., & Kuiken, D. (1994). "Foregrounding, defamiliarization, affect: Response to a short story". *Poetics*, 22, 389-407.

Miall, D. (1996) "Empowering the reader: Literary response and classroom learning."

In: Kreuz, R. J. & MacNealy, M. S. (org.). *Empirical Approaches to Literature and Aesthetics*. Ablex. p. 463-478.

Mukarovsky, J. (1977). *The word and verbal art*. J. Burbank & P. Steiner (Eds. and Trans.). New Haven and London: Yale University Press.

Shklovsky, V. (1965). *Art as technique*. In L. T. Lemon & M. J. Reis (Eds. and Trans.), *Russian Formalist Criticism: Four essays*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press.

(Texto original publicado em 1917)

van Peer, W. (1986). *Stylistics and psychology: Investigations of foregrounding*. London: Croom Helm.

van Peer, W., Hakemulder, F. & Zyngier, S. *Muses and Measures: An Introduction to Empirical Methods in the Humanities*. (forthcoming).

Stockwell, P. (2002). "1. Introduction: Body, mind and literature". In: *Cognitive Poetics*. London, Routledge.

Zyngier e Mendes (2005) "Conceituações sobre a beleza literária", apresentado no VI Encontro de Ciência Empírica da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.